

DONA VIOLANTE E AS RELAÇÕES DE PARENTESCO NA PENÍNSULA IBÉRICA MEDIEVAL – SÉC. XIII

ÜCKER, Carmen B. L.¹; JARDIM, Rejane B.²

¹*Departamento de História e Antropologia da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL. E-mail: carmen_ucker@hotmail.com; rejane.jardim@hotmail.com*

Introdução

Este trabalho tem como objetivo estudar a importância das relações de parentesco na constituição das relações de poder na Península Ibérica medieval do século XIII. A partir desta perspectiva, observar os espaços e as estratégias femininas nas relações de parentesco buscando caracterizar a atuação das mulheres nos espaços de poder.

Assim, nossa preocupação visa entender a importância das relações de parentesco no período medieval e prospectar as possibilidades de atuação das mulheres neste espaço como agentes efetivas nesses jogos de poder. Além disso, é importante salientar que partimos da idéia de que o gênero feminino se posiciona no social de forma condicionada pelas relações de poder, tanto em seu aspecto mais tradicional, isto é, o político, quanto em outras formas de exercício deste, seja no ambiente familiar, clerical, jurídico, etc.

Importante destacar que não vemos as mulheres como vítimas passivas das estruturas sociais. Nesta perspectiva apresentamos nossa personagem, a rainha Dona Violante.

D. Violante, filha de Jaime I de Aragão e Violante da Hungria, casou-se com o rei Afonso X de Castilha e com ele teve onze filhos. Nos últimos anos rompeu seu casamento, fugindo para sua terra natal. D. Violante se uniu ao seu filho, o infante Fernando de La Cerda, para resolver questões de governo, negociando com a nobreza rebelde, substituindo assim o rei que se encontrava doente, doença que teria afetado o comportamento do soberano.

Com a morte do infante Fernando de La Cerda começam os conflitos em torno da questão sucessória. Quem deveria suceder o rei Afonso X? Sancho, o segundo filho na linha sucessória ou seu neto, filho de Fernando de La Cerda, Afonso de La Cerda?

Em janeiro de 1278 a rainha D. Violante fuge levando consigo sua nora D. Blanca, viúva do infante Fernando de La Cerda, carregando consigo também seus netos, os infantes de La Cerda. A rainha refugiou-se em Aragão, onde foi acolhida por seu irmão Pedro III de Aragão. Entre os motivos que teriam levado a rainha a levar consigo os infantes está o fato dela preferir que Afonso de La Cerda suceda o rei no trono, por isso temia que seu filho Sancho fizesse algum mal aos infantes.

É mais provável, porém, que a fuga da rainha tenha acontecido devido à ruptura de seu casamento e esse rompimento tenha se dado devido à gravidade da doença do rei, pois Afonso X estava sofrendo, ao que tudo indica, de um câncer na cabeça e por conta disso o seu comportamento estava cada vez mais imprevisível.

D. Blanca voltou para França, onde foi acolhida pelo seu irmão Felipe III. Os infantes permaneceram em Aragão sob os cuidados de Pedro III, o que lhe permitiu uma aliança entre Aragão e Castilha e Aragão e França. Um ano e meio após sua fuga, a rainha volta para Castilha, sua volta se deveu graças às

negociações entre seu filho Sancho e seu irmão Pedro III. Sancho buscava a reconciliação de D. Violante com Afonso X devido à gravidade da doença do rei. Passando esse período de crise, Sancho passou a exercer um papel mais importante no que se refere às decisões de governo.

A rainha D. Violante e o rei Afonso X aparecem representados em várias iluminuras, abaixo estão algumas delas.



Fonte: google.com.br



Iluminura é um tipo de pintura decorativa, frequentemente aplicada às letras capitulares no início dos capítulos dos códices de pergaminhos medievais. O termo se aplica igualmente ao conjunto de elementos decorativos e representações imagéticas executadas nos manuscritos, produzidos principalmente nos conventos e abadias da Idade Média. As iluminuras presentes neste trabalho servem para representar as Cantigas de Santa Maria escritas pelo rei Afonso X, no século XIII. As Cantigas compreendem 427 poemas que narram os milagres da Virgem.

Metodologia

Para esta pesquisa utilizamo-nos da experiência da micro-história, que propõe como o nome sugere uma análise que parte do micro para o macro. Utilizamo-nos, também do paradigma indiciário proposto por Ginzburg. Fazendo os devidos recortes, privilegiando sempre a análise em escala reduzida, observando as possibilidades de análise comparativa entre a parte e o todo. Dessa forma, como estabelece Vainfas: “O historiador seria, assim, por excelência, um pesquisador de evidências periféricas, aparentemente banais, incertas, porém capazes, se reunidas, em uma trama lógica, de reconstruir a estrutura dinâmica de seus objetos.” (2002, p. 109).

Este trabalho se propõe a trabalhar com uma escala de análise reduzida estudar intensivamente as fontes, o que se configura como uma das características da micro-história. Assim, a partir do estudo sobre D. Violante busca-se entender como se davam as relações entre os casais na Península Ibérica Medieval, procurando compreender até que ponto às mulheres tiveram voz nas relações de poder, nas decisões familiares, procurando observar as diferentes formas de articulação utilizadas pelas mulheres na Península Ibérica Medieval do século XIII.

Resultados e discussões

A idéia é compreender o significado das relações de parentesco e a importância das mulheres neste espaço de poder. Também se pretende observar, a partir de nossa personagem, D. Violante, como as mulheres articularam-se nos diferentes ambientes sociais e de que forma se posicionaram perante as estruturas de poder já estabelecidas.

Conclusão

Preliminarmente se pode apontar como conclusão, segundo nossas evidências, que as mulheres medievais foram tão mais atuantes políticas e socialmente do que se pode supor. A presente pesquisa, ainda, continua a estudar as relações de poder como oriundas das relações sociais entre os sexos, além disso, este trabalho de pesquisa nos estimulou para prosseguir com nossa investigação, haja vista ser “nossa rainha” uma personagem instigante e pouco estudada, mesmo na Europa.

Devido ao pouco tempo de execução, este trabalho ainda carece de maiores dados para uma conclusão mais acabada. Contudo, podemos, desde já salientar que a rainha foi uma personagem que por sua atuação nas diferentes esferas do poder, seja no âmbito familiar, seja no âmbito político, merece, por parte da história, uma atenção mais condizente com sua importância na história das relações de poder no medievo peninsular.

Durante nossa pesquisa foi observado, também, que ao contrário do que se supõe sobre as mulheres na Idade Média, isto é, a interpretação de senso comum que advoga uma condição vitimizada, de pobres coitadas precisa ser desconstruída. Pois, muito provavelmente, assim como D. Violante, outras mulheres tiveram importantes papéis na vida social, política e familiar, tendo a possibilidade de decidir sobre o seu próprio destino e utilizando-se das mais diferentes formas de articulação, de negociação para verem suas opiniões respeitadas e suas decisões aceitas. Assim, neste trabalho de pesquisa, não vemos as mulheres como vítimas passivas das estruturas já estabelecidas, mas sim como protagonista que atuam em espaços de negociação.

Bibliografia

ARIÈS, Philippe; BÉJIN, André (orgs.). **Sexualidades Ocidentais**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BLOCH, R. H. **Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

BROOKE, Christopher. **O casamento na Idade Média**. Portugal: Fórum da História, 1989.

COSER, Miriam C. **Política e Gênero: O Modelo de Rainha nas Crônicas de Fernão Lopes e Zurara (Portugal – Séc.: XV)**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2003.

DUBY, George. **A Idade Média: uma idade do Homem**. Lisboa: Editorial Teorema, LDL, 1988.

GARRETAS, Maria M.R. **Nombrar el mundo em feminino**. Barcelona: Icarla, 2003.

GARRIDO, Elisa. Et al. **Historia de Las Mujeres en Españã**. Madri: Síntesis, 1997.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GÓMEZ PÉREZ, José (cols.). **PRIMEIRA Crônica General de Espana que mandó componer Alfonso el Sabio y se continuaba bajo Sancho IV em 1289**. Madrid: Universidad de Madrid/Gredos, 1955, 2v.

LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean Claude. **Dicionário Temático do Ocidente Medieval II**. São Paulo: EDUSC, 2002.

LABARGE, Margaret W. **La Mujer em la Edad Media**. Madri: Nerea, 1996.

LÉVI – STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares de parentesco**. Petrópolis: Vozes, 1982.

METTMANN, Walter (org.) **Cantigas de Santa Maria**. Acta Universitatis Conimbrigensis. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1959, 4v.

MICHELET, Jules. **La Mujer**. Argentina: Biblioteca Actual, 1985.

O' CALLAAGHAN, Joseph F. **El Rey Sábio El Reinado de Alfonso X de Castilla**. 2 ed., Sevilla: Universidade de Sevilla, 1996.

REVEL, Jacques. **Jogos de Escala**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

Revista L'Histoire/Seuil. Amor e Sexualidade no Ocidente. Porto Alegre: L&PM, 1992.

TESTAMENTO de Afonso X de 10 de janeiro de 1284. In: SOLADINDE, Antonio G. *Antologia de Afonso X, el Sábio*. Madrid: Espasa-Calpe, 1980.

VAINFAS, Ronaldo. **Os protagonistas Anônimos da História**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.